

REPRESENTAÇÕES SOBRE OS INDÍGENAS NAS OBRAS DE FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN, JOÃO FRANCISCO LISBOA E JOÃO CAPISTRANO DE ABREU A PARTIR DOS CRONISTAS DO SÉCULO XVI.

Gabriela Piai de Assis (PIBIC/ CNPQ) e-mail: gpiaiassis@gmail.com

Dra. Leila Mezan Algranti (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -UNICAMP

PALAVRAS-CHAVE: Brasil Colônia – Historiografia - Cronistas

Introdução...

A presente pesquisa procurou compreender as análises sobre a questão do Outro no século XVI. Os cronistas Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa, Jean de Léry, André Thevet e Hans Staden foram escolhidos de forma a compor diferentes perspectivas sobre nosso tema e suas obras ajudaram a elucidar questões teóricas a respeito do imaginário do europeu do século XVI e as implicações políticas e teológicas em relação à caracterização e trato dos homens da Nova terra.

A partir dessa análise, procuramos focar a escrita da história e a forma como relatos sobre os indígenas feitos por cronistas do século XVI foram utilizados ou omitidos, no século XIX, nas narrativas de Francisco Adolfo de Varnhagen, João Francisco Lisboa e João Capistrano de Abreu, de acordo com interesses políticos e influências de diferentes correntes teóricas em suas épocas.



Hans Staden. *Suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil*. SP: Typ da casa Eclectica, 1900. p.112 (cima); p. 119(dir.)



André Thevet. *Les singularitez de la France Antarctique*. Paris: Maisonneuve e Cie; Libraires-éditeurs, 1878

Resultados e conclusões...

Notamos ao longo da leitura das obras dos historiadores do século XIX muitas referências de cronistas do século XVI sobre a violência e o canibalismo indígenas, utilizadas de diferentes formas.

A obra de Varnhagen procurou utilizar as fontes sobre o passado colonial para a construção de uma escrita da história nacional. Após a independência de Portugal, considerava uma tarefa do Estado central o desenvolvimento do país, o incentivo a pesquisa histórica e o recolhimento de documentações. Para produzir essa história nacional, defendeu, através de uma visão elitista e centralizadora em torno do Império, o Estado monárquico como legítimo sucessor do Império ultramarino lusitano e a emancipação de Portugal como uma decorrência natural disso. Os cronistas foram utilizados para corroborar essa mentalidade, fazendo dos indígenas e franceses os inimigos internos e externos e os portugueses os responsáveis por desenvolver e levar avanços ao território.

Próximo a esse estudo, Lisboa procurou buscar no passado as origens da desmoralização dos homens políticos e dos partidos de sua época. Escrevendo sobre a história do Maranhão, utilizou os cronistas de forma a redigir uma interpretação do processo de formação nacional, dando mais importância aos problemas das classes populares e não apenas à história dos dominadores.

A partir da década de 1870, o Estado já estava consolidado e a historiografia não mais buscava uma construção de memória social. Nesse momento, Capistrano de Abreu pretendeu melhor compreender a sociedade através da sistematização de quem era o povo brasileiro. Os cronistas foram citados em seus textos, e o estudo sobre os indígenas foi consolidado como parte da etnografia e inserido ao lado das descrições gerais da geografia do país.

Notamos, então, o impacto da leitura dos cronistas em algumas das discussões historiográficas do período, estudando como eles influenciaram a construção inicial de uma historiografia brasileira e de uma memória nacional, bem como, posteriormente, a tentativa de configuração de um povo brasileiro.

Metodologia e objetivos...

Nosso objetivo foi estudar alguns aspectos da historiografia brasileira, analisada através da abordagem cultural, dando especial atenção a Varnhagen, João Francisco Lisboa e Capistrano de Abreu.

Num primeiro momento, foi feita a leitura e análise de relatos dos cronistas do século XVI, sobre os contatos entre europeus e indígenas, tentando compreender a questão da alteridade aí envolvida e as formas como os nativos foram descritos. Em seguida, estudamos os três historiadores mencionados, visando compreender suas contribuições à historiografia e suas formas de pensar a história do Brasil, enfocando as diferentes formas de absorção das narrativas dos cronistas do século XVI sobre os indígenas.

Hans Staden. *Suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil*. SP: Typ da casa Eclectica, 1900.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

- ABREU, J. Capistrano. H. de. *Capítulos de História Colonial*. RJ: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976.
- CERTEU, Michel de. *A escrita da história* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- JANOTTI, M.L.M.. *João Francisco Lisboa: Jornalista e Historiador*. SP: Ática, 1977.
- LISBOA, João Francisco. *Crônica do Brasil Colonial (Apostamentos para a História do Maranhão)*. Petrópolis: Vozes, 1976
- WEHLING, A. *De Varnhagen à Capistrano: Historismo e cientificismo na construção do conhecimento histórico*. Tese de titularidade defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- VARNHAGEN, F. Adolfo. *História geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal* SP: Melhoramentos, 19--